

Ensino de Geografia e o expediente de visita ao museu para promovê-lo
Teaching Geography and visiting museum as a feature to promote it

Submissão: 27/09/2021 | Fim da revisão por pares: 06/10/2021 | Aceite final: 26/10/2021

Silmara Cosme Cravo | Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas FFLCH
Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo USP, Brasil | ORCID:
<https://orcid.org/0000-0002-8650-3324> | E-mail: silmara.cravo@usp.br

Resumo

Nas aulas de Geografia, é proveitoso que ocorra a articulação entre conhecimento geográfico e a educação em museus. Isso se dá como um expediente para aguçar o sentido de localização geográfico por parte dos alunos, a compreensão do tempo – e entre os tempos, está também aí inserido o tempo geológico; o entendimento dos recursos contidos no solo e subsolo, a geomorfologia envolvida, a formação do relevo e a ligação disso tudo com a ciência da vida e da terra, ou seja, com a geografia física; e a percepção da geografia humana nas relações em que o homem atua sobre a calota geográfica da terra, para dela tirar seu sustento, para nela ter o chão que assenta e sedia as relações humanas. O objetivo do presente estudo é estimular os professores a levarem alunos ao museu; e aos alunos, a cobrarem isso dos professores.

Palavras-chave: Geografia; Museu; aprendizado; percepção; tempo; espaço; relações humanas

Abstract

In Geography classes, it is useful link geographical knowledge and education in museums. This is an expedient to sharpen the student's sense of geographical location, their understanding of time – and between times, geological time is also included there; the understanding of the resources contained in the soil and the subsoil, the geomorphology involved, the formation of the relief and the connection of all this with the science of life and the earth, that is, with physical geography; and the perception of the human geography in the relationships in which man acts on the geography cap of the earth, in order to make a living from it, in order to have the ground on which human relations are

based. The purpose of this work is to encourage teachers to take their students to the museum and students, to demand that from their teachers.

Keywords: Geography; Museum; apprenticeship; perception; time; space; human relations

Introdução

Nada mais alentador do que ver uma série de crianças, todas de mãos dadas e encadeadas umas às outras sendo conduzidas por seus professores em direção ao museu. Alento em ambos os sentidos: animador e inspirador. Ânimo pela disposição dos professores de transcenderem o perímetro da sala de aula intra muros para alcançarem uma dimensão que extrapola a construção do edifício que comporta a escola. Inspiração pelo desfile de crianças que foram contempladas com a oportunidade de aprendizado através de uma viagem no tempo e no espaço.

Ir ao museu não é apenas se deslocar entre o espaço que separa a escola do prédio arquitetônico que comporta objetos temáticos pertinentes à museologia. Tampouco, é permanecer o tempo de uma visita num recinto que abriga o público. É algo cujo objetivo supera isso; e é muito mais: trata-se de algo mágico que transporta seus visitantes para outra dimensão – histórica, geográfica, cultural etc. tendo como fulcro a percepção da realidade que em sala de aula, tão-somente, seria difícil de ser alcançada.

O motor impulsionador para a escolha da temática foi-nos o binômio tempo-espaço, tão contundente na Geografia. A participação dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico: dos diretores que dirigem a escola, aos professores que farão o ponto de inflexão entre a escola e o museu, passando pelos funcionários que providenciam os trâmites para a saída autorizada dos alunos.

O museu paradigma é o da Imigração, em São Paulo, capital. Tendo em vista a alteração de tempos, tão própria da geografia, cabe lembrar que a metodologia de uma visita ao museu envolve a observação dos espaços, já que a geografia se ocupa principalmente dos espaços geográficos. Assim, é utilizado o método dedutivo, no qual o orientador (que é o professor) conduz os alunos a refletirem e a tirarem eles – alunos - suas próprias conclusões.

Expediente de visita ao museu e incentivo a promovê-lo

Ao ver as crianças encadeadas de mãos dadas em direção ao museu, está-se a ver apenas uma fase de um processo iniciado anteriormente, processo esse que também envolve direção, a saber, um conjunto de operações humanas desencadeadas cujo resultado desaguou na visita concreta ao museu. Trata-se de um processo maior que é o processo educativo. Dito de outra maneira, as crianças só saem da escola para visitar museus se houver a percepção da importância da visita. A concretude da visita resulta de decisões anteriores que permitiram isso. E nisso está envolvido o papel dos diretores, coordenadores, professores, funcionários; além do próprio interesse dos alunos, pois são eles, afinal, os beneficiados pela visita ao museu.

“Os alunos são os principais sujeitos do processo educativo não formal promovido pela escola” (MARANDINO, 2014, p. 177). Não se trata de esgarçar o espaço da sala de aula para atingir o museu – não. Ocorre, antes, um salto dimensional cujo ponto de fuga é o quadro negro, de área plana constituída de alguns centímetros quadrados formada por largura multiplicada por altura; fuga para o volume que o museu comporta, ou seja, a construção arquitetônica onde estão instalados objetos culturais.

Esse volume museológico em que estará inserido o aluno permite-lhe presenciar largura, altura e profundidade, tudo na tridimensionalidade dos metros cúbicos que o museu ocupa. A diferença do bidimensional para o tridimensional é a profundidade. Pois, justamente a presença do alunado in locu no museu desencadeia o que é esperado pelo professorado – a profundidade. Consoante Marandino “pesquisas vem apontando para o fato de que atualmente os professores buscam nos museus uma alternativa à prática pedagógica, já que entendem esta instituição como um local diferenciado de aprendizagem” (2014, p. 177). Local diferenciado que permite a aprendizagem em profundidade, completá-riamos de nossa parte...

Convém não deixar de registrar aqui que a concretude da visita ao museu só é possível a partir do engajamento de diversos atores, sejam protagonistas (alunado, professorado); sejam coadjuvantes (diretoria, coordenação, funcionários que colheram autorizações de saída de alunos menores, providenciaram transporte de traslado do local da escola ao local do museu etc.).

A realidade da escola brasileira é balizada, muitas vezes, pelo recurso público que sustenta a manutenção de sua existência. Não raro é de se encontrar aquelas em que até

mesmo a parede que sustenta o quadro negro apresenta avarias; isso, para uma reflexão preliminar. Se analisarmos com mais acurácia, encontraremos cadeiras quebradas, falta de apagador, de giz e de tantos outros materiais indispensáveis ao ofício de lecionar. Imagine-se a alavanca de oportunidade para o aluno frequentador dessa triste realidade da sala de aula limitante ao ser transportado para o museu. Algo indizível como experiência para ele...

Quanto ao museu na construção do conhecimento geográfico, tomou-se como paradigma o Museu da Imigração, em São Paulo; no entanto, poderia ser qualquer outro museu, guardadas as devidas proporções.

O momento histórico enfatizado pelo Museu da Imigração é o do contexto histórico no qual o Brasil necessitava de mão de obra para o plantio, cultivo do café. Enfatizado, diríamos. Mas, somente esse momento? Não. Hoje, imigram para o Brasil homens e mulheres oriundos de países africanos (Angola, Burkina Faso, Cabo Verde, Camarões, Congo, Mauritânia, Moçambique etc.), da Palestina e Oriente Próximo, da América Central, da América do Sul, do Oriente (China, Coreia do Sul etc.) e da Europa. Outrora migraram da Europa (Alemanha, Espanha, Itália, Polônia, Portugal, Suíça etc.) e do Japão, sendo o Kasato Maru o navio símbolo do início da imigração japonesa ao Brasil. Portanto, é o Museu da Imigração um local único para a compreensão de conceitos básicos de geografia, além de categorias próprias da geografia: local, espaço, distribuição, região, paisagem, território, metrópole, ecúmeno, demografia, população etc. E de explicação das diversas vertentes e ramos da geografia: geografia física nela contida a geomorfologia, o relevo, o solo, o clima, a paisagem etc. com o que o professorado inescapavelmente faria ligação com o ciclo do café no estado de São Paulo.

Na geografia humana, a construção da estrutura e infraestrutura do Estado, portuária (recepção dos navios, como o Kasato Maru, marco da relação nipo-brasileira), ferroviária (do Museu da Imigração vê-se os antigos trilhos de carris); a chegada dos imigrantes na hospedaria teria de dar vazão, obrigatoriamente, ao escoamento desses homens e mulheres ao interior para o exercício da função laborativa, propósito de serem acolhidos no território brasileiro etc.

Ao se visitar o interior de cada sala do museu da Imigração o alunado ficaria estupefado em ver nomes e sobrenomes nas paredes, de origens tão próximas à sua, ou talvez mesmo sua: algumas são origens modestas, outras um pouco mais abastadas. Ocasão para o professor tratar de geografia da população, migração e trabalho.

Enfim, são exemplos singelos que ora nos ocorre. Assim, poderia cada aluno transportar-se para uma viagem no tempo (seja outrora, bem remota; seja em tempos mais hodiernos, como a recepção em território brasileiro de haitianos e de venezuelanos já no século XXI); e no espaço, propiciando a abertura de um planisfério não mais em cima de uma mesa ou carteira escolar, senão na mente tridimensional de cada aluno. E nisso está a profundidade à qual nos referíamos alhures – a inserção do alunado nas profundezas dos mares que mareavam os imigrantes mal-acomodados em compartimentos desconfortáveis, amontoados homens, mulheres, crianças e velhos uns sobre os outros.

Quicá promettesse o professor uma próxima visita a outro Museu: o Lasar Segall, na Rua Berta, na Vila Mariana, a ver o outro lado da imigração: a fuga da perseguição aos judeus, cuja contemplação do quadro “Navio de Emigrantes” opera um impacto de entendimento instantâneo da condição humana embarcada nesse navio na mente da pessoa que se depara com a pintura.

Nisso está a magia do museu, algo não encontrado na sala de aula.

Considerações Finais

Sim, é possível que ocorra a articulação entre conhecimento geográfico e a educação em museus a partir da compreensão que o museu é um local a ser frequentado como extensão à prática pedagógica a complementar a experiência de aprendizagem cujo germe teve origem em sala de aula.

O salto dimensional da sala de aula para o museu é algo que deve fluir como um contínuo. Em outras palavras, não se trata de dois momentos estanques, incomunicáveis – não é isso. Ou seja, o professor introduz o conteúdo pertinente à visita ao museu. O dia em que o alunado se desloca para conferir in locu o que houvera sido inicializado pelo professor é um dia inédito no decorrer do curso. Estar diante do objeto cultural, cara a cara, pode trazer duas repercussões bem distintas: ou reforça o entendimento anterior que o aluno tinha a respeito do tema; ou lhe muda a percepção anterior, fazendo com que ele a substitua por aquela nova em função do que vivenciou no museu.

O mais importante é que o aluno – ele próprio – formará sua convicção a respeito do que motivou a visita ao museu e deparar-se-á com a fonte de conhecimento primária (e não mais aquela secundária, tão-somente referenciada pelo professor).

Por parte do professor, haverá a serenidade por haver fornecido as ferramentas necessárias para a construção das próprias ideias do alunado.

Referências

MARANDINO, M. Espaços não formais no contexto formativo. In: BARZANO, M. A. L.; FERNANDES, J. A. B.; FONSECA, L. C. de S.; SHUVARTZ, M. (Org.). **Ensino de Biologia: experiências e contextos formativos**. 1 ed. Goiânia: Índice Editora, 2014. p. 169-180.